

a gazeta

editorial | 2

"O futebol, a música, a dança, as festas de rua, as manifestações populares, um Brasil 'que canta e é feliz' dentro do Brasil que segrega, que explora, que desconhece sua história e, por isso mesmo, repete a violência que o constituiu

MARIANA LÜTZ BIAZI

digressões | 3

revista | 4

entrevista | 6

• Ramon Gadenz

biblioteca | 10

arte e cultura | 12

**agenda e
panorama | 14**

19

editorial

por Mariana Lütz Biazzi

a gazeta

Número 19

Abril de 2023

Distribuição Gratuita

Editora

Mariana Lütz Biazzi

Equipe de Redação

Carla Schwarzer

Clarissa Salle de Carvalho

Déborah Dalcol

Kenia Ballvé Behr

Larissa Roggia

Mariana Lütz Biazzi

Patricia Goldfeld

Projeto Gráfico
e Diagramação

Carlos Tiburski

Impressão

Ideograf (POA - RS)

Periodicidade

Trimestral

Tiragem

68 exemplares

Composição

Tipografia Chaparral Pro.

Capa em Couché com

revestimento em Prolan

Fosco. Miolo em Off-Set.

CONSTRUCTO

instituição psicanalítica

CNPJ 04.4792660001-10

Rua Quintino Bocaiúva, 1373, 01.
Bairro Rio Branco, POA, RS.www.constructo.com.br
comunicacao@constructo.com.br
constructo@constructo.com.br

51 3343 3364

51 98119 1944

Todos os direitos reservados

"Eu sou de um país
Machado de Assis
De lá dos sertões
Eu sou Guimarães
Divino é o dom
Bandeira e Drummond
Darcy e Antônio
Anísio e Afrânio
Amado e Ubaldo
Sou mesmo baiano
Maldito e eterno
Boca do Inferno
Eu sou Castro Alves
Até sou Gonçalves
Um Per-Nambucano
Gilberto Ariano

Um ser paulistano
Oswald de Andrade,
Eu mudo de alcunha
Eu-clides da Cunha
José de Alencar
A chama está viva
Eu sou Patativa

Definir uma identidade brasileira é uma tarefa difícil diante de um país de dimensões continentais e uma história extremamente complexa, que começa com um processo colonial, carrega o peso de quatro séculos de escravidão e ainda padece com as marcas deixadas desde sua constituição. Definir o que é o Brasil, como num processo de análise pessoal, passa por nos colocarmos em uma posição de desconforto. Olhar pra dentro, individual ou coletivamente, é um processo doloroso que, a partir do reconhecimento daquilo que não está bem, exige que o sujeito se implique na mudança que precisa ou quer fazer acontecer. Somos fruto de um projeto de país pensado para excluir – e que o faz – mas que tem, naqueles que estão à mar-

E sou do Rio Grande
Do Norte contudo
Antigo, Cascudo
Piano e fortíssimo
Quintana e Veríssimo
Também sou do sul
E sob os auspícios
Rubem, Vinícius

O Rio e o céu
Clarice, Rachel
Dos Anjos, de Campos
Augustos são tantos
Conforme o sotaque
Olavo Bilac
Sou pedra e pau

Eu sou João Cabral
Dois dedos de prosa
Eu sou Rui Barbosa
Poeta e poesia
De uma academia
Chamada Brasil"

Moraes Moreira

gem, a resistência. O "povo que ri quando deve chorar" e faz da dor força para criar o seu próprio país. O futebol, a música, a dança, as festas de rua, as manifestações populares, um Brasil "que canta e é feliz" dentro do Brasil que segrega, que explora, que desconhece sua história e, por isso mesmo, repete a violência que o constituiu.

Mas, mesmo com tantas contradições, a beleza e a potência de um país diverso, portanto, rico, prevalece. As peculiaridades da cultura de um povo que mistura antepassados indígenas, africanos, europeus e asiáticos e é, segundo estudos recentes, provavelmente o país com maior miscigenação no mundo, devem ser celebradas. E, na celebração, o pertencimento. E esse é o tema dessa edição d'A



digressões

Daniel Senos

Psicólogo, Doutor em Psicologia Clínica (PUC-Rio),
Professor da Pós-Graduação em Psicologia Clínica com
Crianças (PUC-Rio), Membro Provisório da Sociedade
Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro



Gazeta: a maior manifestação da cultura popular brasileira, o Carnaval, que une o país de norte a sul em quatro (ou sete, dependendo da região do país) dias de festa e celebração – e aqui lembro de novo de Moraes Moreira: “o que une o Brasil de norte a sul, com certeza, é o samba e a língua portuguesa”. Nas próximas páginas, um pouco da história da nossa maior festa, sua origem, seus significados e sua importância para a cultura e para o povo brasileiro. Na seção Digressões, Daniel Senos, psicólogo e membro provisório da SBP-RJ, nos fala sobre a harmonia da diferença, abordando o carnaval como um fenômeno social, político e cultural. Em Entrevista, o carnavalesco e figurinista Ramon Gardenz nos conta um pouco da história do carnaval e do processo de criação de um desfile de escola de samba, algumas de suas percepções pessoais sobre a festa, além de salientar aspectos do sagrado e do profano que se misturam durante o carnaval. Em Arte e Cultura, um passeio pelo enredo da Imperatriz Leopoldinense, campeã do carnaval do Rio de Janeiro de 2023, que fez um desfile em homenagem a Lampião, figura extremamente importante da cultura brasileira, que retrata a identidade nordestina. Em Biblioteca, *Bovarismo brasileiro*, de Maria Rita Kehl, que propõe um mergulho profundo na história dos fenômenos sociais que permeiam a cultura brasileira, e *O palhaço e o psicanalista*, de Christian Dunker e Cláudio Thebas, que, de modo bem-humorado e ao mesmo tempo profundo, refletem sobre a potência transformadora da escuta. E em Agenda e Panorama, alguns dos eventos da comunidade psicanalítica internacional e nacional, bem como os seminários e eventos da nossa Instituição. ●

A harmonia da diferença

Acompanhamos recentemente uma intensa escalada de manifestações de intolerância ao outro e às diferenças que fogem ao discurso normativo vigente em diversos campos. Tais manifestações são capitaneadas por figuras impositoras de um discurso de ódio que visa a aniquilação do outro e a destruição de qualquer forma de alteridade possível. Trata-se de um trabalho mortífero em direção a uma maníaca adequação dos corpos à uma normatividade que, novamente, insiste em se repetir, estrategicamente transfigurada discursivamente em bons costumes e em pautas que supostamente exaltam a família e a mulher, por exemplo, mas que camuflam uma compreensão patriarcal e misógina por excelência. A exaltação dos colonizadores e o retorno a céu aberto de movimentos neonazistas e de supremacistas brancos, muitas vezes partindo de figuras públicas e veiculadas na mídia se tornaram diárias, e que escancaram que a pauta racial, que sempre foi urgente, se impõe como absolutamente necessária para que não avancemos rumo à barbárie.

De forma contraditória, nossas terras também servem de palco para uma das mais complexas e aclamadas celebrações. O carnaval brasileiro é reconhecido mundialmente e movimentado grandes massas de turistas, ávidos pelo convívio com essa distante terra na qual, supostamente, convivemos harmonicamente com as diferenças de gênero, raça, credo e assim por diante. Não causa tanta surpresa assim cons-

tarmos que o carnaval também é alvo de ataques internos advindos das parcelas mais fervorosas e fundamentalistas da sociedade, que atribuem um caráter de alienação e depravação ao carnaval. Críticas aos corpos, às fantasias, aos excessos, às alegorias das escolas de samba tentam reduzir o fenômeno do carnaval a uma simples farra pública, como uma personificação coletiva da obra *O Jardim das delícias terrenas*, de Hieronymus Bosch.

O carnaval é dotado de uma complexidade que desafia frontalmente qualquer moralismo raso ou tentativa de normatividade. O historiador Luiz Antonio Simas defende que o carnaval é uma festa que escancara a alteridade a partir do encontro com o outro em uma atmosfera marcada pela celebração plural, que possibilita a construção de um sentido coletivo de vida. Opõe-se também a um projeto de Brasil excludente, colonial, que nos assombra até os dias de hoje como acompanhamos diariamente nos discursos de ódio cada vez mais intensos e mobilizadores. O carnaval enquanto celebração da vida e da coletividade traz para o centro da discussão a possibilidade e a tensão que envolve a convivência com o outro em sua alteridade.

Se o carnaval é compreendido como lugar complexo de encontros e desencontros, no qual a convivência com a alteridade ocupa lugar privilegiado, compreendemos que os limites entre o eu e o outro são colocados à prova, experiências subjetivas distintas que, inseridos em uma coletividade festiva,

digressões

por Daniel Senos



são desafiadas a lidar diretamente com a singularidade de cada um. Nesse sentido, lembramos das contribuições freudianas a respeito do narcisismo em seu caráter unificante, que delimita as primeiras bordas do eu em relação ao outro e funda as primeiras formas de diferenciação do sujeito. No entanto, tentando compreender as tensões sociopolíticas que o carnaval exacerba, julgamos que as ideias de André Green a respeito de uma dimensão mortífera e neutralizante do narcisismo também é atuante na dinâmica relacional, impondo uma dialética entre forças narcísicas de vida e de morte.

O narcisismo primário é retomado por Freud tardiamente, (Freud, 1940 [1938]/2010) caracterizado como absoluto. Após um grande hiato desde as contribuições decisivas a respeito desse conceito enquanto processo unificador do eu proposto em 1914, Freud o retoma de forma breve e enigmática nessa que talvez seja a última citação feita ao conceito em sua obra. É importante salientar as importantes mudanças metapsicológicas ocorridas desde então, principalmente as que tocam a instauração de um novo dualismo pulsional (Freud, 1920/2010) e a elaboração de uma nova tópica (Freud, 1923/2010).

André Green (1966-1967/1983) propõe que pensemos tal acréscimo freudiano à tese do narcisismo a partir do modelo do sono ao invés do sonho. Veremos que o autor entende o caráter absoluto que o narcisismo assume a partir de uma tendência ao silêncio, que remete à interrupção de qualquer forma de excitação. O sono é tomado como modelo, uma vez que ilustra tal neutralização, diferentemente do sonho, que enuncia um trabalho psíquico ainda em vigor. O narcisismo do sonho seria um modelo tributário dos estados de felicidade e

de transbordamentos dos limites corporais, distinto do narcisismo do sono, remetido necessariamente a um modelo abstrato de abolição das tensões. Tal modelo nos remete diretamente à questão do princípio de inércia, presente no pensamento freudiano desde muito cedo.

Será a partir desses conceitos que André Green partirá para postular uma dimensão neutralizadora do narcisismo. Conforme sinaliza o autor, o narcisismo negativo seria um duplo sombrio de Eros, ou seja, da dimensão unificadora que constitui via nova ação psíquica (Freud, 1914/2010). O narcisismo negativo implicaria em um retorno regressivo ao ponto zero, distinto do masoquismo, que promove a dor como forma de existência possível. “Ao contrário, o narcisismo negativo dirige-se à inexistência, à anestesia, ao vazio, ao branco (do inglês *blank*, que se traduz pela categoria do neutro), quer este branco invista o afeto (a indiferença), a representação (a alucinação negativa), ou o pensamento (psicose branca)” (Green, 1976/1983, p.42. Tradução nossa).

A fim de compreender a complicada relação entre as duas faces do narcisismo, Green propõe uma solução dialética, que engloba a função de organização das pulsões parciais em um investimento no eu, atribuindo-o uma unidade; e outra vertente, própria à dimensão neutralizadora que estamos expondo até então, própria ao narcisismo primário absoluto. O autor explana que há uma analogia possível entre esses dois destinos do narcisismo, uma vez que ambos descrevem formas de satisfação do eu em si mesmo através da ilusão de autosuficiência e da recusa à dependência do objeto enquanto contingente (Green, 1976/1983, p.39).

Como forma de ampliar a discussão a respeito da complexidade que envolve o carnaval como fenômeno social, político e cultural, em confluência com as ideias de Luiz Antônio Simas, acreditamos que os festejos são palcos de tensões oriundas dos encontros entre diversos universos subjetivos que entram em conflito. A dupla face de Narciso se manifesta em meio a celebração do encontro enquanto abertura possível para o novo, mas também como tentativa de neutralizar as diferenças que constituem a singularidade de cada sujeito. Conviver com as diferenças é uma afronta narcísica, na qual é necessário se reafirmar enquanto sujeito ao mesmo tempo que o contato com o outro preserva e apresenta novos caminhos de vida coletiva, no qual as diferenças que nos definem como sujeitos podem existir de forma harmônica.

Embora o carnaval comporte ampla gama de fenômenos como os descritos no início do presente texto, tais como as diversas mobilizações que visam exterminar o outro, o carnaval traz uma herança forte que passa pelas escolas de samba e pela rua como locais privilegiados de construção de saberes. Tal herança é determinante e constrói o pano de fundo dessa celebração, já que compreende que a tensão é parte necessária do carnaval e inerente ao encontro com o outro, mas, ao invés da alienação ou da aniquilação, o carnaval nos lembra intensamente de que há possibilidades de caminharmos juntos em tolerância às diferenças do próximo. “A luta e a festa são irmãs”, como nos lembra Luiz Antonio Simas, afirmando assim que o carnaval, antes de tudo, é espaço de conflito, mas de ruptura que abre alas para a vida, para novas possibilidades de coletividade e de respeito às diferenças.



Constructo Revista de Psicanálise



Queridos Colegas! Entre as boas novas do início de 2023 temos que festejar o 8º número da Constructo Revista de Psicanálise, embora seja esta a primeira edição de nosso periódico em uma nova formatação que segue os modelos internacionais de cientificidade. Refiro-me a uma maior democratização do conhecimento, na medida que esse formato possibilita acessar o conteúdo total da revista ou somente algum artigo específico, disponíveis tanto para a leitura, como para a cópia dos mesmos, sem qualquer custo. É suficiente acessar a publicação através do link <https://revista.constructo.com.br>

Além desta forma de obter o acesso aos conteúdos da revista, existe também a possibilidade de solicitar, através de nosso e-mail, um link que permite a impressão do material completo, em alguma gráfica que execute esse trabalho mediante solicitação e pagamento de responsabilidade da

pessoa que se interessar por ter o material impresso. Como terceira opção, teremos cópia física da revista, com características semelhantes às das sete primeiras publicações, através de encomenda pelo site da revista, assim como pagamento, que será informado o valor na ocasião da solicitação.

Neste número 8 a revista está dividida em duas partes. A primeira parte constitui uma homenagem a Christophe Dejours, com uma entrevista com o autor e artigos dele e de outros colegas, que giram em torno de suas ideias. Na segunda parte temos três artigos sobre a Adolescência. E gostaríamos de anunciar que a partir de abril publicaremos semanalmente *flyers* nas redes sociais, que anunciam os artigos da revista 8, com uma pequena síntese do conteúdo de cada um.

Nos acompanhem e a qualquer momento submetam seus escritos para publicação através do link já citado ou acessando o qr-code



entrevista

**Ramon Gadenz**

Carnavalesco, figurinista, Ldo. em artes visuais – UPF e Universidade Cruzeiro do Sul – SP, especialista em história da arte – Estácio, especialista em figurino de época pra cinema, teatro e TV – PUC-Rio, mestrando em História – UPF

Como você compreende a importância do Carnaval para a cultura e o povo brasileiro, em geral?

Essa noção da importância do carnaval para a cultura e o povo brasileiro eu tenho desde a infância. Isso sempre foi muito perceptível pra mim por ser o momento em que as pessoas conseguem colocar pra fora os seus anjos e monstros, seus fantasmas, realizar suas fantasias... a pessoa mais simples torna-se nobre, o nobre pode ter seu momento de plebeu. Isso, pra mim, é o principal, independente da forma e do local de manifestação, se no curso ou no entrudo – aqui voltando no tem-

po e lembrando dos primeiros desfiles e festas de rua, manifestações que deram origem ao que hoje conhecemos como o carnaval –, no desfile de escola de samba, no bloco ou no baile... o principal é não ter, durante o carnaval, o compromisso com a realidade. Mas, além disso, o carnaval é a festa da identidade nacional. Muito a gente ouve “ah, mas lá vem as escolas de samba de novo com caravelas, índios, navio negreiro...”, mas não temos como fugir disso. Não temos como fugir da nossa história, da história do Brasil, porque essa é a festa da identidade nacional. O povo está retratado ali, a história – e dentro dela as histórias que conhecemos e as que não conhecemos, as que a gente sabe que aconteceram, mas não estão nos livros didáticos... E, se pensarmos bem, acho que todo brasileiro, uma vez ou outra, já brincou o carnaval. Quando crianças, levados pelos pais, jovens ou já adultos, em algum momento da vida, o brasileiro já esteve na maior manifestação artística do país. Pode gostar ou não, mas que já brincou, garanto que sim. Por isso, também, eu penso que o carnaval retrata algo de pertencimento do povo brasileiro.

Na sua opinião, qual seria o significado e a motivação para as comunidades que se dedicam e participam do desfile carnavalesco?

A resposta dessa questão pode ser um complemento à anterior. O carnaval é o momento em que a comunidade assume o protagonismo, mesmo que por tempo definido. O negro, o LGBT, a pessoa que mora na periferia, o trabalhador que passa 330, 340 dias do ano na labuta, no ônibus, no metrô... esse é o momento em que essas pessoas saem das suas comunidades, das favelas, dos guetos, e se

apropriam, através da manifestação artística, cultural e, por que não, também, espiritual?, das suas histórias e tornam-se os verdadeiros protagonistas da cultura popular brasileira. Esse movimento mexe com a hierarquia do asfalto sobre o morro, conhecida, que prevalece durante o ano, e que embranquece a cultura popular. É justamente isso que acaba revelando certo preconceito, certo incômodo, que acarreta, por vezes, uma perseguição ao carnaval. Mas esses são os verdadeiros, nós somos!, os verdadeiros protagonistas da história, a maioria da população brasileira, que é pobre, preta, periférica. Essa “caça às bruxas” independe da cidade ou estado e temos percebido muito fortemente isso na dificuldade da liberação de verba pública para o carnaval e nos comentários de parte da população, que diz: “verba pública para carnaval não dá!”. Essa significação da origem do protagonista da cultura popular mexe com algo muito forte e revela o preconceito velado da população. Mas, voltando, a principal motivação, penso eu, é o protagonismo, seja ele individual ou coletivo: é muito importante ver a sua comunidade tomando o asfalto. O carnaval é a grande forma de expressão do povo, de suas criações, de sua criatividade. É a narrativa de sua história, uma maneira de contar a história da comunidade. Por isso mesmo penso que a competição, no carnaval, é extremamente saudável. É quando podemos, com orgulho, bater no peito e dizer pra todos ouvirem “a minha comunidade, minha escola, minha história é a melhor”. A gente trabalha muito duro pra isso, damos o nosso melhor para sermos reconhecidos como os melhores. A vida das pessoas é retratada no desfile da escola de samba. Esse povo que é esquecido enquan-

por Larissa Roggia e Mariana Lütz Biazzi



to trabalha o ano inteiro e, em fevereiro, ganha voz, ganha corpo, imagem, movimento. As escolas de samba também são locais de inserção. Vemos famílias envolvidas há 30, 40, 60 anos nessas escolas... são mães e avós em ala de baianas, filho que sai na bateria, a filha que é passista ou porta-bandeira... o carnaval envolve uma questão familiar, é local de encontro, é uma vida dedicada ao pavilhão, à escola, são noites sem dormir... o pavilhão é, normalmente, o local de lazer da comunidade durante o ano, de confraternização... é onde os rumos da escola são definidos e todos, sem exceção!, tem um papel essencial durante o ano para a concretização do desfile. É ancestralidade e protagonismo, é isso que o carnaval põe em pauta e proporciona à comunidade.

No carnaval coexistem características do sagrado e do profano. Como você percebe a manifestação desses aspectos antagônicos nesta grande festa popular brasileira?

Aqui precisamos voltar alguns séculos na história... podemos pegar desde a idade média, a questão do trabalho. Se a população trabalha muito, trabalha exaustivamente, a contrapartida é a possibilidade de usufruir de feriados festivos como o carnaval. Apesar da desconfiança e da vigília suscitadas pela noite, grávida de todos os perigos, o feriado do carnaval estava, assim como está, aí pra todos e todos usufruem dele, mesmo aqueles que consideram “coisa de vadio” ou “coisa do diabo” e não se prolongam nas noites incomuns. Na idade média era muito forte a conotação pagã do carnaval, que era uma festa mais rústica e camponesa. Com o passar do tempo, a festa invade a cidade, se urbaniza, e começa a ter uma contestação ideológica.

O carnaval se transforma em algo que se opõe à quaresma, combatendo a mentalidade penitencial e culposa da religião cristã, fazendo triunfar o riso – que volta a ser algo próprio do homem – sobre o pranto, sobre a expressão da contrição e do arrependimento que caracterizavam o homem pecador.

Pra outros estudiosos, o carnaval deriva da era glacial, quando a população tinha que ficar reclusa pra se proteger do frio e, antes disso, se fazia uma festa. Até hoje temos a pecha de ser “a festa da carne”, mas isso porque alguns dias antes da população se resguardar pra se proteger do frio, se fazia uma festa com muita comida e muita bebida pra depois se abrigar. Daí criou-se toda essa mística de ser uma festa da carne, uma festa pagã, festa do diabo, mas isso tudo vem desse período, desse momento de festa.

A partir do século XX vamos ter a ligação, muito presente até os dias atuais, do carnaval com a religião afro-brasileira. As escolas de samba, a partir daí, vão ter na batida da bateria o ritmo regido de acordo com o orixá a ela determinado. Isso é decidido com o jogo de búzios, não é uma escolha, mas os oráculos são ouvidos e cada escola passa a ter um orixá regente. Aí entra também a questão do sincretismo com a igreja católica, porque no início do século XX existia muita perseguição aos cultos afro-brasileiros. Um parêntese aqui: o Rio, por exemplo, tem a tia Ciata, uma mãe baiana, doceira, quituteira, que agregava e protegia os sambistas na casa dela. Foi aí que nasceu o samba nos moldes que a gente conhece hoje. Essa região do Rio, na Gamboa, que ficou conhecida como pequena África e servia de abrigo a quem era perseguido simplesmente por fazer samba. Mas voltando, os enredos de escolas de sam-

ba, muitos deles tem cunho religioso e, nas religiões afro, há o tambor. Sempre que tiver tambor na avenida, há a possibilidade ou o risco de ocorrer incorporações devido a toda mística que carregam os tambores. Por isso não podemos desvincular a religião, principalmente as afro-brasileiras, das escolas de samba. Temos enredos, sambas-enredos, louvando orixás, lendas referentes aos orixás, todos os aspectos de terreiro acabam entrando, também, na avenida. Todas as referências e personagens acabam ganhando a avenida e sendo retratados. O candomblé, a umbanda, a mitologia afro... estão, são e continuarão sempre ligados ao carnaval. Isso toma mais força, mais ou menos na década de 60, com o Salgueiro, quando Fernando Pamplona estreia como carnavalesco e com Arlindo Rodrigues traz pro grande público não só a questão da religiosidade, da religião afro, como também de Zumbi do Palmares, Chico Rei, personagens da história afro-brasileira, até então muito pouco citados. Chica da Silva também. A partir disso o Brasil passa a conhecê-los e a reconhecê-los como parte da sua história. Essa apropriação dos deuses, orixás, lendas e personagens da negritude começa aí.

Essa questão também me faz levantar outro ponto e penso que reside aí muito da importância desse debate: o que é profano pra um, pode ser sagrado pra outro. O que é profano pra uma religião pode ser sagrado pra outra religião. Então, no carnaval, pode-se relativizar o que é o sagrado e o que é o profano. Mas, pra isso, precisa-se de um debate mais aprofundado que poderia render um novo trabalho, um novo artigo, quem sabe... mas é muito importante avançar nessa discussão!

entrevista

Como ocorre o processo de construção do tema de uma escola de samba?

O processo de criação se dá da seguinte forma: ocorre, primeiro, a contratação de um carnavalesco. Dependendo da escola, vai ter a figura do carnavalesco, que vai ser o responsável por todo o processo criativo da escola, mas, em alguns lugares, em algumas escolas, o carnavalesco conduz a ideia, mas precisa também que trabalhem com ele outros profissionais, como um enredista, um figurinista... há carnavalescos que fazem tudo. Outros não. Em alguns casos, a diretoria da escola propõe o tema enredo. Em outros, o carnavalesco propõe. Às vezes tem encomenda de enredo patrocinado, outras vezes não. Tudo isso influencia no processo de criação de um desfile, mas, o primeiro passo sempre é a escolha do tema. A partir disso que se inicia o trabalho. Depois da escolha do tema, parte-se pra pesquisa. Depois da pesquisa, o carnavalesco deixa a imaginação correr solta e vem a criação da sinopse, onde contém os principais pontos da pesquisa, que é de onde tudo parte. Tudo isso, sempre sendo apresentado e acatado ou não

pela diretoria da escola. A partir da aprovação da sinopse, vem o desenvolvimento do organograma. Nele estarão descritas as alas, as fantasias, os carros alegóricos, comissão de frente, enfim... depois do organograma é feito o projeto visual, que dá imagem a tudo isso. Desenha-se ala por ala, carro por carro... aí começa a confecção. É feita, a partir disso, a lista de materiais, as compras, a escolha dos diretores de alas, a divisão das responsabilidades... Diferente de outras construções, nas quais se cria primeiro a planta-baixa, pra um carro alegórico, por exemplo, primeiro desenhamos o projeto visual, artístico, e depois vamos pra planta-baixa. A partir daí começa o projeto de construção. Ferragem, madeira, lona, adereços... tem os aderecistas que são os responsáveis pela decoração do carro. Todas as funções são divididas e muito bem definidas. Isso tudo, esse processo de construção de um desfile, dura, no mínimo, 6 meses. Tem também o samba enredo... 80% do sucesso do desfile se deve a um bom samba enredo. Tem escolas que encomendam o samba a compositores. Outras escolas realizam um concurso pra escolha do samba. Essas

entregam a sinopse à comunidade e aqueles que quiserem participar da competição se inscrevem e apresentam seu samba. Enquanto isso, o carnavalesco vai acompanhando de perto todo esse processo, fica no comando. E, depois de todo esse trabalho, o ápice se dá na avenida!

De que forma podemos descrever as especificidades do carnaval no Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre?

Todas as manifestações carnavalescas de grande expressão que temos hoje se originam na cultura afro-brasileira. Vamos ter mudanças, no caso algumas especificidades, de cidade pra cidade, mas não são muitas. Toda cidade vai ter uma escola de samba, inclusive Salvador. Em Salvador, Recife, no Nordeste, enfim, onde o grande carnaval midiático são os bonecos de Olinda, o maracatu, o frevo, os trios elétricos, mesmo lá, nessas cidades que têm essas manifestações como as que geralmente aparecem na grande mídia, têm escolas de samba.

Temos o Rio de Janeiro como a grande referência de berço das escolas de samba, mas não quer dizer que is-



por Larissa Roggia e Mariana Lütz Biazzi



so só exista lá. Na verdade, devido ao poder midiático das escolas de samba do Rio, criou-se essa ideia de que carnaval com escola de samba é no Rio de Janeiro e que todo o restante é cópia, mas não. Esse modo de manifestação carnavalesca teve seu início logo após a abolição da escravidão e está inserida nos quatro cantos do Brasil. Vai ter maculelê, vai ter caxambu, vai ter maracatu, vai ter, aqui no Rio Grande do Sul, tambor de sopapo... Mais tarde, com o advento da viação férrea, houve uma maior disseminação do samba e, assim, as culturas regionais foram se espalhando, se misturando... então não existe isso de o carnaval nasceu no Rio e o resto é cópia, não existe essa cópia. O Rio pode ter sido um local de início, mas espalhou-se rapidamente por todo o Brasil, abrangendo as especificidades de cada lugar. O samba, por exemplo: tem o samba carioca, tem o samba baiano, o samba do recôncavo baiano, que já é outro... enfim, não temos mais como nem por que engavetar o samba nem as manifestações da cultura popular em estados, cidades... são manifestações que foram surgindo espontaneamente e de maneira descentralizada, seja nas

grandes cidades, seja no interior, em todo lugar. No Rio, as escolas de samba são o carro chefe do carnaval, mas tem, também os blocos, que são muitos e arrastam multidões. Em Porto Alegre, além das escolas de samba, existiam as tribos carnavalescas, fortemente influenciadas por etnias indígenas, fazendo um carnaval de bairros. O carnaval gaúcho tem, também, como ápice, o desfile das escolas de samba, em PoA na Perimentral ou na Augusto de Carvalho. Rsse ano no Porto Seco, mas tem também manifestações espalhadas por outras áreas e espaços da cidade. Todas essas manifestações, sejam de escolas de samba ou não, culminam, também, em um desfile, na saída pra rua, em encontros... Em Salvador o que tem pra grande mídia são os trios elétricos, que surgiram com Osmar e Dodô, num calhambeque com alto falantes, e os circuitos carnavalescos, mas temos que ir além disso: o carnaval da Bahia tem a sua origem nos afoxés, nos ilês, com o cortejos carregando toda a cultura negra dos terreiros, com a musicalidade e influência da África. Isso tudo muito antes da avalanche dos trios elétricos. Tem os filhos de Gandhy, o

Pérola Negra, enfim... esses blocos que surgem antes dos trios, os afoxés, que costumamos chamar das “Áfricas que a Bahia canta”.

E, quanto aos desfiles de escola de samba, há algumas outras especificidades que variam de local pra local, como, por exemplo, a figura da porta estandarte que, no Rio, não existe mais. Aqui no RS ainda existe e é intocável. É a figura que vem à frente da escola, dançando, girando, empunhando o pavilhão, deixando marcado qual é a entidade que entra na avenida. Ela apresenta e defende o pavilhão, sua escola, o que acabou se tornando algo bem específico aqui do Sul, um dos únicos estados que ainda carregam isso. Já a comissão de frente, nos desfiles do Rio, é quesito, conta pontos. Nos desfiles de PoA, embora seja obrigatório uma comissão de frente, não é quesito. No Rio também não tem mais casal de passistas e aqui isso ainda é mantido. Assim também acontece com o samba que, em cada lugar, tem uma batida. No Rio a batida do samba é mais cadenciada. Já aqui no RS é uma batida mais acelerada, influência do tambor de sopapo, que vem da região de Pelotas. ●



biblioteca



Bovarismo brasileiro

Autora:

Maria Rita Kehl

Editora:

Boitempo

Afinal, quais são as marcas da colonização, da escravidão e do autoritarismo nos fenômenos sociais e políticos que permeiam a cultura brasileira? É pensando nisso que, em 2018, Maria Rita Kehl lança o livro *Bovarismo brasileiro*: uma obra que engloba textos da autora produzidos entre 1980 e 2011.

Dada a amplitude das temáticas abordadas, esta coletânea reúne reflexões acerca da literatura de Quincas Borba, escrito por Machado de Assis, até considerações sobre a origem do samba - assunto que está, diretamente, relacionado ao material dessa edição da Gazeta. No entanto, o que é bovarismo brasileiro?

O conceito de bovarismo foi desenvolvido pelo filósofo e psicólogo francês, Jules de Gaultier, com base na personagem Emma Bovary, de Gustave Flaubert (1912). Emma Bovary é descrita como uma pequena burguesa sonhadora que, mergulhada na literatura romanesca, ambicionou tornar-se outra diante do destino que lhe era predestinado, abrindo alas para o surgimento em si da Madame Bovary.

Se o bovarismo, de forma geral, contempla a ilusão do sujeito em ser um outro, mesmo longe de oferecer

uma teoria psicanalítica sobre a sociedade brasileira - tarefa divergente à metapsicologia freudiana - Maria Rita Kehl propõe o bovarismo brasileiro como traço peculiar que compartilhamos em nosso território: “consiste em nos tomarmos sempre por não brasileiros (portugueses no século XVIII, ingleses ou franceses no século XIX, norte-americanos no XX)”.

Nessa direção, Maria Rita Kehl, de forma instigante e consistente, propõe o samba - marca da expressão popular, como um dispositivo anti-bovarista, uma vez que, ao invés de tentar ser um outro, assume a condição de ser brasileiro - com as alegrias e as tristezas que estão imbricadas neste processo. Contudo, para compreender o que isso realmente significa, é preciso embarcar com Maria Rita Kehl no complexo “quebra-cabeça inacabado do Brasil”.

por Déborah Jasmine da Silva Dalcol



O palhaço e o psicanalista

O que torna possível o encontro entre um psicanalista e um palhaço? De modo humorado e ao mesmo tempo com bastante profundidade, Christian Dunker e Cláudio Thebas mergulham em um dos exercícios mais caros da psicanálise: a arte da escuta.

Em meio a ensaios filosóficos, diálogos e experiências, numa espécie de conversa informal, os autores propõem instigantes reflexões sobre a potência transformadora da escuta na vida do ser humano, abrangendo capítulos como “a escuta que cura e o teatro da loucura” e “o pacto da escuta hospitaleira”.

Ao considerar a conjectura da nossa sociedade atual - extremamente individualista, onde as pessoas parecem escutar umas às outras cada vez menos e, principalmente, buscam formas de não escutar o que acontece dentro de si próprias, a obra é um convite, sem dar nenhum tipo de *spoiler*, para que cada um descubra, no um a um, a sua forma de exercer a escuta, seja de si ou do outro. ●

**Autores:**

Christian Dunker e Cláudio Thebas

Editora:

Planeta

Está disponível a edição

7

Constructo

Revista de Psicanálise

www.constructo.com.br/loja

Ao adquirir a **Revista 7**, as edições anteriores tem um valor promocional. Aproveite!



arte e cultura

Campeã Carnaval RJ 2023: Imperatriz Leopoldinense



O samba enredo da Imperatriz Leopoldinense foi inspirado em dois famosos cordéis: A chegada de Lampião no Inferno e O Grande Debate que teve Lampião com São Pedro e trouxe para a avenida elementos do cangaço, Lampião e Maria Bonita ao imaginar o que teria acontecido com Lampião após sua morte, em 1938: era vilão ou herói? Acabou no céu ou inferno? Nem um, nem outro. A proposta da escola de samba foi uma terceira via: o retorno de Lampião para seu querido nordeste. A escola trouxe toques nordestinos ao seu samba, com instrumentos típicos do forró como triângulos e zabumbas.

Gênero literário

Cordel é um gênero literário originado do norte e nordeste brasileiro. Escrito frequentemente de forma rimada, tem origem na fala e depois surgem os impressos e em brochuras de papéis que eram penduradas em cordas, daí seu nome cordel. Era também veículo de comunicação e trabalho, garantindo fonte de renda a muitos cordelistas.

**“Disse um cabra que nas bandas do Nordeste
Pilão deitado se achegava com o bando
Vinha no rifle de corisco e cansação
Junto de Cirilo Antão, Virgulino no comando”**

Apresenta a identidade do cangaço através das expressões achegava e cabra, narrando a emboscada que resultou na morte de Lampião.

**“Deus nos acuda, todo povo aperreado
A notícia corre céu e chão rachado
Rebuliço no olhar de um mamulengo
Era dia vinte e oito e lagrimava o sereno”**

Fala da comoção do povo diante da morte do maior nome do cangaço, deixando no povo nordestino um espanto da morte inesperada do rei do cangaço.

**“Nos confins do submundo onde não existe inverno
Bandoleiro sem estrada pediu abrigo eterno
Atiçou o cão catraz, fez furdunço
E Satanás expulsou ele do inferno”**

Uso da poesia para compreender qual teria sido o fim da alma de Lampião, ele teria vagado sem rumo e sido expulso do inferno pelo próprio Satanás, sentindo-se ameaçado por dividir lugar com uma figura tão imponente.

**“O jagunço implorou um lugar no céu
Toda santaria se fez de bedel
Cabra macho excomungado de tocaia num balão
Nem rogando a Padim Ciço ele teve salvação”**

O céu também não aceitou entrada de Lampião, agindo como bedéis, unidos para evitar a entrada dele no céu. Lampião, esperto como só, entra escondido no paraíso, sem sucesso. Volta à Terra, caminhando sem cessar “tal qual barro feito a mão misturado na areia”. Concluindo, Imperatriz Leopoldinense sugere que o destino do cangaceiro foi exatamente o lugar que dominava o seu coração: seu amado nordeste.

Fonte

<https://www.letras.mus.br/blog/analise-do-samba-enredo-da-imperatriz-leopoldinense-campea-do-carnaval-2023/>

por Carla Schwarzer



A filha do casal de cangaceiros, Expedita Ferreira, desfilou aos 90 anos.



agenda

ADMINISTRATIVO

- > **17.07 à 31.07.2023** - Recesso de Inverno
- > **01.08.2023** - Início das atividades do II Semestre
- > **06.12.2023** - Reunião Administrativa de encerramento do ano
- > **15.12.2023** - Encerramento das atividades

EVENTOS 2023

- > **Jornada Anual com Christophe Dejours**

Data: 18 e 19 de agosto

- > **Colóquio Internacional
"Violência do Sexual à Adolescência"**

Data: 27 e 28 de outubro

NÚCLEOS DE ESTUDO 2023

- > **Núcleo Puberdade e Adolescência**

Coordenação: Raquel Moreno Garcia

Encontros: Quinzenais, quintas-feiras, das 20 às 21h30

- > **Núcleo Gênero/Sexo**

Consultoria Científica: Jacques André

Coordenação: Raquel Moreno Garcia

Encontros: Quinzenais, sextas-feiras, das 11h30 às 13h00

- > **Núcleo de Psicanálise com Crianças**

Coordenação: Maria Beatriz Tuchenhagen

Encontros: Nas segundas e quartas
segundas-feiras do mês, das 11h30 às 13 horas

GRUPOS DE ESTUDO 2023

- > **Grupo de Estudos Jean Laplanche**

Coordenação: Kenia Ballvé Behr

Horário: terça-feira, das 19h15 às 20h45, semanal e on-line

- > **Grupo de Estudos Avançados em Jean Laplanche**

Coordenação: Kenia Ballvé Behr

Encontros: quinta-feira, das 19h15 às 20h45, semanal e on-line

- > **Grupo Leituras psicanalíticas contemporâneas:
Pensando as ideias de Norberto Marucco**

Coordenação: Simone Accetta Groff

Horário: quinta-feira, 11h30 às 13 horas, quinzenal e on-line

- > **Grupo de Estudos Pulsão**

Coordenação: Clarissa Salle de Carvalho

Horário: sábado, das 10h30 às 12 horas, quinzenal e on-line

- > **Grupo de Estudos Inconsciente**

Coordenação: Rosistela Arruda

Horário: sábado, das 10h30 às 12 horas, quinzenal e on-line

- > **Grupo de Estudos Inconsciente**

Coordenação: Eliane Tomasi

Horário: sábado, das 8h45 às 10h15, quinzenal e on-line

- > **Grupo de Estudos Silvia Bleichmar**

Coordenação: Raquel Moreno Garcia

Horário: sexta-feira, das 11h30 às 13 horas, quinzenal e on-line

SEMINÁRIOS 2023

- > **Metapsicologia Freudiana II**

Coordenação: Laura Jaskulski (1º semestre)

Silvia B. Skowronsky (2º semestre)

Horário: terça-feira, das 14 às 15h30

Local: Porto Alegre

- > **Psicopatologia I**

Coordenação: Luciana Pavão Kroeff

Horário: terça-feira, das 16 às 17h30

Local: Porto Alegre

- > **Metapsicologia Pós-freudiana II**

Coordenação: Beatriz Camargo

Horário: quarta-feira, das 12 às 14 horas (excetuando a 1ª
quarta-feira dos meses nos quais houver reunião clínica)

Local: Porto Alegre

- > **Teoria da Técnica III**

Coordenação: Simone Accetta Groff

Horário: quarta-feira, das 14h10 às 15h40

Local: Porto Alegre

- > **Psicopatologia III**

Coordenação: Kenia Ballvé Behr

Horário: quarta-feira, das 16 às 17h30

Local: Porto Alegre

- > **Psicopatologia Infantil I**

Coordenação: Elisabeth Guarnier

Horário: quarta-feira, das 12 às 14 horas

Local: Porto Alegre

- > **Metapsicologia Freudiana II**

Coordenação: Jocitacler Bolsoni

Horário: quinta-feira, das 19 às 20h30

Local: Passo Fundo

- > **Metapsicologia Freudiana III**

Coordenação: Tatiane França

Horário: quinta-feira, das 13h45 às 15h15

Local: Passo Fundo

- > **Seminário Clínico**

Coordenação: Raquel Moreno Garcia

Horário: terça-feira, das 12 às 13h30

Local: Porto Alegre

panorama

por Larissa Roggia



PANORAMA 2023

> 5º Congresso de psicanálise em Língua portuguesa

Tema: Escravidão e liberdade, travessias do corpo e da alma.**Data:** 27 a 29 de abril. **Local:** Museu de Arte da Bahia, Salvador. **Evento:** híbrido**Informações:** <https://febrapsi.org/cplp/>

> VIII Congresso Internacional de Convergência, Movimento Lacaniano para psicanálise Freudiana

Tema: Qual ética para prática psicanalítica na atualidade?**Data:** 24, 25, 26 e 27 de maio de 2023. **Local:** Barcelona- Espanha**Informações:** <https://convergencia-2023.com/pt/inicio2/>

> XXV Simpósio da Infância e Adolescência da SPPA

Tema: Objeto sobrevivente: vínculos e amadurecimento**Data:** 16 e 17 de junho. **Evento:** on-line.**Informações:** <https://sppa.org.br/agenda/xxv-simposio-da-infancia-e-adolescencia-sppa-objeto-sobrevivente-vinculos-e-amadurecimento-com-jan-abram>

> 53º Congresso da IPA 2023

Tema: "Mind in the line of fire" ("A Mente na linha do fogo", tradução livre)**Data:** 26, 27, 28 e 29 de julho de 2023. **Local:** Cartagena - Colômbia**Informações ou submissões através do site:** <https://encurtador.com.br/lryZ0>

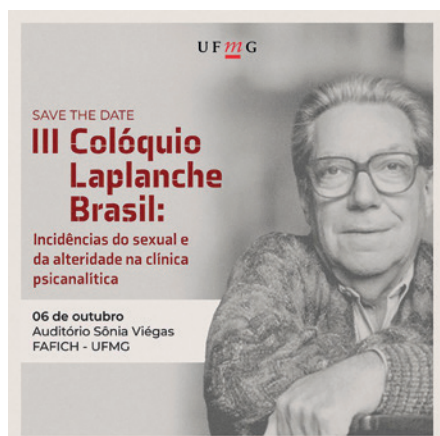
> Jornada científica da SBP de PA

Tema: Adições e dependência - Reflexões e Transformações.**Data:** 31 de agosto a 02 de setembro Local: Hotel Hilton, Porto Alegre. **Evento:** híbrido**Informações:** <https://www.sbpdepa.org.br/jornada2023>

> III Colóquio Laplanche Brasil

Tema: Incidências do sexual e da alteridade na clínica**Data:** 6 de outubro**Local:** Auditório Sônia Viégas FAFICH, UFMG, Belo Horizonte-MG

> 29º Congresso de Psicanálise - FEBRAPSI

Tema: O Eu e o Isso: afetos em emergência**Data:** 1 a 4 de novembro de 2023. **Local:** Campinas- SP, Brasil**Informações ou submissões através do site:** <http://encurtador.com.br/GKPW8>

A Gazeta é uma publicação trimestral da **Constructo Instituição Psicanalítica** cujo objetivo principal é ampliar o acesso à informação de qualidade para seus associados e alunos. **A Gazeta** é um veículo comunicativo híbrido, que mescla discussões teóricas a informações mais pontuais. Entre em contato conosco através do e-mail **comunicacao@constructo.com.br** para submeter algum tipo de contribuição para o nosso próximo número.



CONSTRUCTO
instituição psicanalítica